José Ângelo Cottinelli Telmo

Destacou-se por integrar a Comissão Organizadora das Comemorações dos Centenários por ser o arquiteto-chefe da Exposição do Mundo Português (1938-40). Foi nomeado vogal da Academia Nacional de Belas-Artes por Raul Lino (1941), participou na Comissão Administrativa do Plano de Obras da Praça do Império e da Zona Marginal de Belém (1941-45) e atuou como arquiteto-chefe da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (1941-48).

No âmbito associativo, Cottinelli Telmo foi presidente do Sindicato Nacional dos Arquitetos (1945-48). Dirigiu a revista oficial do Sindicato (1938-40 e 1942) e exerceu a função de Secretário da Direção (1941-45). Além disso, presidiu à Comissão Executiva do I Congresso Nacional de Arquitetura (1947). Como arquiteto da CP, deixou a marca na renovação das estruturas ferroviárias, desde logo com o projeto da Estação do Sul e Sueste (1929-31).
Foi arquiteto da Comissão das Construções Prisionais (1934-1948), numa altura de avaliação geral do estado das cadeias e dos tribunais.

A obra de José Ângelo Cottinelli Telmo abrange uma ampla diversidade de áreas, sendo a tipologia das construções a que se dedicou notavelmente eclética e de um alcance extraordinário. Destacou-se também nas artes, nomeadamente na banda desenhada, ilustração e cinema, sempre refletindo a sociedade da sua época.

O reconhecimento dos seus múltiplos talentos e do seu sentido critico é revelado em muitos dos seus escritos, onde em março de 1944, Cottinelli Telmo na palestra “Missão do Arquitecto”, defende que o arquitecto seria aquele “que projeta edificações belas, por dentro e por fora, úteis, funcionando bem, servindo para os fins para que foram criadas”, e o responsável pela criação de conjuntos arquitetónicos.

Embora o arquiteto necessitasse cada vez mais, da colaboração de técnicos das várias especialidades, ele seria para Cottinelli, “*o Maestro, o Chefe da grande orquestra e o Autor da partitura que essa orquestra iria tocar, o Compositor de um todo a que se chama o Projecto Arquitetónico – obra de colaboração de muitos, mas obra de concepção de um só.”*

Era entendimento de Cottinelli, que só o arquiteto podia dispor – pela educação técnica e artística, um numero ilimitado de possibilidades que outros não podem possuir, que lhe permitia conduzir, através do desenho, a pesquisa de uma expressão arquitetónica tal como o escultor que anda à procura de uma expressão fisionómica.

O arquiteto seria sempre um símbolo de ordenação – de equilíbrio que procurava descobrir em tudo o que cerca uma estrutura, um esqueleto, uma composição, mesmo noutras formas de arte: na poesia, na música, na literatura e no cinema.

Concluía Cottinelli que o arquiteto é um homem prático, mas é, acima de tudo, um poeta!

Mais tarde numa postura mais institucional, Cottinelli defendia na revista Turismo, que os arquitetos estariam naturalmente dispostos a dar todo o seu apoio à renovação panorâmica de Portugal, colaborando no campo da sua atividade, quer se trate de edificações quer da urbanística, quer até mesmo da paisagística. Aos arquitetos caberia um papel ativo na urbanização geral do país, definindo uma estrutura, um esqueleto a nível nacional. Deviam ocupar-se da tarefa de manter os núcleos cheios de tradição e sabor, limpando-os de tudo o que está a mais, por vezes retocando-os, tendo o cuidado de agir sem inventar um novo Portugal antigo, trabalhando com os olhos postos nas exigências dos nossos dias, sem fazer “*exquisito”* para fazer moderno, sem fazer arqueologia para fingir antigo.

Dizia, que para concretizar, seria indispensável entre outras coisas, colocar um arquiteto junto de cada Câmara Municipal e colocá-lo na posição devida de Comando. E para conquistar esse poder e essa autonomia de ação, Cottinelli acreditava que seria necessário “*converter”* Salazar num empenhado aliado da classe dos Arquitetos.

Em 1945 tomou posse como presidente da Direção do Sindicato Nacional dos Arquitectos para o triénio seguinte, em substituição de Pardal Monteiro que exercera o cargo desde 1936.

No primeiro relatório anual da presidência de Cottinelli, era denunciada a falta de participação dos sócios nas atividades do Sindicato, diziam que “*não há união, nem parece haver ideal, que os arquitetos continuavam dispersos, desconjuntados, uma legião de sombras, indiferença, comodismo, inconsciência, uns moles....”*

Enquanto solução a esta constatação, o relatório anual apontava aquilo que chamariam de milagre, *“dar a cada um de nós a verdadeira compreensão da extensão dos nossos deveres, em relação aos outros e a nós próprios.”*

Durante o mandato, aquando do lançamento do concurso para a Igreja das Antas e dos Arranjos do Quarteirão Norte da Praça Gomes Ferreira pelo município do Porto, a direção do Sindicato considerou as bases desses concursos “atentatórias da dignidade profissional dos arquitetos, recusando-lhes o seu apoio e aconselhando os sócios a não tomarem parte deles. A direção multiplicou-se em contactos e protestos, procurando afirmar *“mais uma vez e de uma vez para sempre”* que *“a Arquitectura é para os Arquitectos”*.

1947 marcou o início do processo que havia de conduzir à realização do 1º Congresso Nacional de Arquitetura. Congresso que tem sido considerado como o ponto fulcral na História da Arquitetura em Portugal no século XX. Cottinelli seria contactado pelo governo com oferta do apoio oficial, com garantias de que a escolha do programa, dos temas e das teses a apresentar seriam da responsabilidade dos arquitetos, sem interferências oficiais e sem controlo da censura.

Apesar da dúvida entre colegas de eventual controlo pelo estado, o apoio era fundamental para levar a cabo a iniciativa. Para Cottinelli o Congresso representava, sem dúvida, um momento decisivo para a classe, uma oportunidade única para assumir uma posição conjunta e para denunciar o mal-estar que se tornava cada dia mais evidente. Um meio privilegiado para dar expressão a críticas e a reivindicações que de outro modo não encontrariam reflexo nas instituições de poder à época. Na preparação do congresso Cottinelli foi vítima do estigma do “arquitecto de regime” que já vinha desde o tempo da exposição do Mundo Português por parte de todos os que tinham posicionamentos ideológicos de oposição ao Estado. Importa desmistificar este estigma, através da leitura dos relatórios do sindicato, que nos revelam uma postura de ação de forma independente, sem aceitar passivamente os desígnios ou as diretrizes estabelecidas por instâncias oficiais, defendendo inclusive os interesses do sindicato de forma crítica e autónoma. Inclusive reserva no regulamento do Congresso um lugar especial para a participação dos “*arquitetos novos*”, diria ele, para alem dos diplomados, a porta deverá ficar aberta para poderem tomar parte, como membros ativos do Congresso aqueles futuros colegas que têm o curso de arquitetura ou estão em vias de o concluir.

É com esta ideia profundamente agregadora e fundada nos princípios da democracia que a o Conselho Diretivo da Secção Regional de Lisboa e Vale do Tejo salva uma divida de gratidão, que a Ordem dos Arquitectos tem pelo o Homem, pelo Arquiteto e pelo Dirigente Associativo que foi José Ângelo Cottinelli Telmo, outorgando-o enquanto Membro Honorário a titulo póstumo.